

Femininu Primordiale

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

*“No princípio existia a mãe
e a mãe estava em Deus,
e a mãe era Deus”*

É, no início era a mãe. É com ela que homens e mulheres que não se sabem assim descobrem o primeiro gozo. Estado de entrega e beatitude que Freud em seus *“Três ensaios sobre a sexualidade”* qualifica como uma espécie de orgasmo ímpar vivenciado como o mais alto grau de excitação dos sentidos que se tem em conta. É o momento da “feminilidade primordial” onde os seres humanos estão embebidos numa espécie de “orgia passiva”, experimentando intensamente os cuidados, o sustento, o amor radical. Momento em que se inauguram os esboços que numa interrelação primeira irão se transformar nos infundáveis desenhos dos corpos animados que se apegam, se acariciam, se doam. É o corpo da mãe que a psicanálise ajudou a entender que não é necessariamente o da mãe biológica mas daquele Ser que é capaz de desenvolver a arte da maternagem e que inaugura com seu corpo a matriz erótica da corporalidade feminina. Espécie de útero antropomórfico, com cabeça, tronco, membros e uma alma.

Esse arcabouço divinamente humano de narcísica perfeição - como a bola andrógina do mito platônico relatado por Aristófanes que configurava nossa condição inicial, até Dionísio separá-la em homens e mulheres, sendo por isso mesmo e não por acaso que sexo tem a mesma raiz de *secare(cortar)* - existe antes da diferença dos sexos se instalar, e com ela toda sua carga de conflitos e riquezas.

A diferença sexual não é então capturável, não existe ainda a percepção dos caminhos que serão trilhados por meninos e meninas, homens e mulheres. É o tempo das origens, do indiferenciado e seus mistérios.

Desafortunadamente, descaminhos da natureza e da cultura nem sempre permitem que esse *femininu primordiale* se instale. A vida está ceifada pela raiz. É a vida não feita, que não chegou a ser para ser desfeita. Não há efeito ou de-feito para ser des-feito. Mas como natureza e cultura no homem são inseparáveis, ou melhor dizendo, como a cultura faz parte da natureza humana, essa marca fundante primordial deixa seu sinal cultural definitivamente registrado, não havendo como ignorá-lo. Conclusão: A VIDA SE FAZ MESMO QUANDO NÃO SE FAZ. E aos humanos é dado a graça ou a des-graça de gestar mesmo não gestando, de amamentar mesmo não amamentando, de ser mãe mesmo não sendo.

Esclareço. Mãe aqui está além da mãe de carne e osso. Está além da própria função materna dos cuidados. Mãe aqui corresponde a um princípio fundante configurado na base que oferece ao sujeito humano a possibilidade de vir a ser, seja esse Ser feito com tempero masculino ou feminino. Nos diz Freud: *“a mulher escolhe o homem com características do pai, porém para reproduzir com ele a relação que teve com sua mãe, relação difícil de abandonar já que fazê-lo implicaria abandonar a condição feminina”*.

Se por um lado é o olhar do pai que sexualiza a menina e através de seu desejo (protótipo do desejo do homem para essa jovem), informa que ela possui ou não a qualidade da feminilidade que pode garantir o se fazer mulher, por outro, é essa matriz fundante, esse caldeirão materno, esse feminino primordial que irá viabilizar o olhar desse pai, o desejo desse pai. Ou seja, o pai só irá existir na relação se desejado pela mãe. Portanto a mãe é tão importante como o pai na constituição da feminilidade humana.

Volto a falar da feminilidade por esse viés porque é fantástico poder entender que é através do feminino que se faz o feminino. É por meio dessa feminilidade primordial indiferenciada que é gestado, parido a feminilidade diferenciada madura, essa última já inteiramente entrelaçada com a masculinidade.

Sem esse feminino primordial não há feminino nem masculino, não há vida em gestação, não há como deter o furor destrutivo, não há desenvolvimento, muito menos sustentável, não há como *“SABER CUIDAR”*. Esse *saber cuidar* que Leonardo Boff enaltece em um de seus últimos livros para resgatar o sentimento de compaixão pela MÃE TERRA e refundar uma Ética do Humano que deveria ser, idealmente, a Ética da Vida.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).